

O personagem Heleno

Luiz Gustavo Saldanha

O ensaio – ensaia. O menino Heleno. O texto a decorar, quase completo. Não era papel protagonista, longe disso, mínimas falas, coadjuvante, com entradas em cena contadas em uma só mão – enxutas aparições em uma tragicomédia repleta vil. Às sextas-feiras, após o término da fatigante aula de matemática, Heleno lascava uma bitoquinha em sua estimada namoradinha, comprimia-a rijamente com braços de adeus e logo se apressava para o ensaio no acanhado teatro do próprio colégio. Nem almoçava. Desalterava-se de palco mesmo. Ainda ávido de pressa, vestia um traje mais frouxo e, como um ritual sacro despropositado, cumprimentava o restante do elenco, acenava ao senhor medianeiro diretor – seu também professor de palco e curador do espetáculo –, este que nada exprimia além de uma costumeira indistinção na face. Feito isso, o garoto ensimesmava em um canto ao ermo – às vezes no banheiro –, represava-se nas duas laudas pendidas em suas mãos ansiosas, matronas de suas falas; apreendia cada fonema e suas devidas entonações, com fugazes frases abafadas pelas melindrosas mãos concavadas sobre a boca, apetecia ele penetrar como punhal a personagem. E conseguia.

“Mas que tramoia é essa de teatro, meu filho”, era o que mãe de Heleno, com ameno espanto, indagava-lhe ao apanhar o garoto, buliçoso, burilando bucais mímicas de seu mindinho texto, em seu quarto eremita, agora tablado particular? “Coisa de professor, mãe”, respondia convincente, deslizando de si, ao menos na conversa, o pesar de sua escolha sobretudo instintiva – um lupino escondendo a fome. A mãe assentia e não mais discutia, voltava, portanto, à sua molesta pia – labuta de todo dia. O fato é que Heleno sempre farejou, escondido que fosse, tudo o que era simpático e contíguo a cênicas,

apreciava as entrevistas com atores no diário dominical, lia as críticas, as quais eram escritas com garbo, falavam elas de energia espiritual dos personagens – como seria aquilo? O menino apenas achava descontração diante de sua compreensível temporã incompreensão –; contudo, enfunava-se em anseio próprio de pela primeira vez ser apresentado a um espírito de artista. Heleno era recatado, calado, contido, ria para si, desejava só para si – não revelava. Teve magno estorvo ao abordar o professor diretor e admitir-lhe que gostaria, sem arengo e de corpo liberto, de estrear em sua trupe – gaguejou. O diretor professor sorriu faceiramente e pediu ao garoto assaz tímido que escolhesse uma personagem, visto que os papéis masculinos já haviam sido fisgados por outros dois meninos um tanto mais ligeiros. Dona Fausta, a mãe da personagem principal, mera secundária, resguardava-se, tomada pelo tricô, em uma cenográfica cadeira de balanço; quando entrava em cena, ora ou outra questionava sua filha sobre casório – tinha a presumida velha anseio de matrimônio, no roteiro. Tinha Heleno, moroso de empáfia, receio de sua manifestação; elegera, portanto, papel apoucado como o seu primeiro. Dona Fausta era o bastante para Heleno – era minúscula. Aliviado pela valentia na escolha arrojada, regressou salteando para casa ainda encorajado; proseou algumas ninharias com a família – pais e os irmãos –, entrincheirou-se, enfim, em seu quarto, aprazido, aprazendo-se do seu modo: só para si.

Calcar os pés na madeirada brunida do acanhado palco do colégio era um sentir bem distinto do vislumbrar do palco recheado com todos os seus atores afamados de um teatro hercúleo qualquer, na imagem preta e branca do diário de domingo, comprado com esse intento único: a contemplação. A fotografia caluniava – carecia do deleitoso. O sentir de Heleno tinha algo estrambólico e também aprazível, composto do penetrante cheiro inegável de madeira e seus agudos conservantes, amalgamado ao ranço natural que as combalidas cortinas empoeiradas exalavam; mas, sobretudo, aquele sentir do palco detinha, em sua composição, a visão do teatro de baixo para cima: de

dentro para fora – o que de fato era deveras singular ao garoto; e aí, sim, era o anônimo espírito de artista lhanamente floreando. O prazer encoberto; esse talvez o real abismo da dualidade nata entre ator e espectador: a inefável visão em cena de quem tem por dever mencionar-se. Heleno optara agora por ser ator, não importando se absconso, mencionaria seu brado de alforria. Vivia, contudo, para os fatigantes ensaios de sexta à tarde, intumescia-se durante a duradoura semana, de ardor, vigor, amor, e o ensaio era a catarse de tudo isso. Levitava nu dentro de suas roupas frouxas, ouvia os mordicantes pisados dos atores outros no palco – lapsos régios de som –; e, então, Heleno asseverava-se de que ao cênico queria atar-se perpetuamente sem reversão do almejo, pois seu corpo florescia-se e, como é espontâneo do corpo, enrubescia-se, ansiava-se; os pulmões labutavam ao limiar do desespero – era momento de entrada em cena. Texto dito com retidão, uns ou outros remendos de expressão feitos pelo complacente diretor a título de direção – encenação mesquinha que fazia o menino crer que havia sido concebido para tal... “Não há desvio de destino”, pensava consigo. Ao final, o suor que escorria pela testa era o afirmado particular de logro, como quase sempre ele é. Suor que se anovelava às lágrimas voluntárias, em uma aguaceiro só – ninguém o percebia enquanto voltava para casa, à noitinha. Como o corpo não se manifestar ao descarar outra vida em si! Heleno chorava e secava-se.

Tremia. Estremeciam as mãos finas de dedos alongados – os pelos ralos dos braços eriçavam de chofre. Era o deflorador som despretenso enveredando-se pelos ouvidos surpreendidos de Heleno, e logo o mesmo corpo que suava de logro, suava agora de pavor. Logro e medo ladeiam-se sem notar-se um ao outro – ora se esbarram. Aquela concisa, porém bem cabida frase do diretor ao seu elenco, soara sobretudo angular no peito frágil do menino agora inteiro trêmulo – “Pessoal, é nossa última semana de ensaio”. O espetáculo precipitava-se com presteza de tempestade. Receio de Heleno. Hesitação de menino flanqueando os quatorze anos. Cria Heleno que

permaneceria repetindo as enfadonhas minúsculas falas de Dona Fausta até quando se sentisse confortável, cingindo a perfeição; ou quiçá nunca houvesse devaneado semelhante esmo de apresentação. Era um menino parvo em si, parvo de si. E, se esquecesse, eventualmente, uma fala qualquer das duas laudas tão revisadas – receava –, se saísse ainda em disparada pela porta detrás do teatro no exato momento de sua entrada em cena – hesitava. Não lhe contaram que teria que se mostrar a um público sequioso e apreensivo, que abarrotaria o somítico espaço, testemunhando até os involuntários triviais coxos de verbos e de movimentos corpóreos de todos os atores. Ensaio é a fim de aguardar a apresentação, a Heleno era tão somente a fim de descoberta. O garoto chorava no enclausurado banheiro do teatro, desramava lágrimas de aflição dos olhos desencorajados em encarar-se – não se fitava de modo algum no espelho. Era incapaz. Náusea, náuseas – frisos no estômago. Cogitou abalroar o compreensível professor, com verossímil coragem que o fizera anteriormente voluntariar-se à trupe, e clamar por adiamento ou até por sua renúncia ao papel de Dona Fausta – não o fez, estagnou-se no banheiro, purgando-se com seu sincero choro. Não iria comprometer a trupe e o público aflito do espetáculo, Heleno era fraco, mas zeloso para com os outros. Foi para casa, afinal, havia de engendrar um figurino e uma suave maquiagem; sobretudo, havia de lavar, em reservado, sua ingenuidade com a água estreme e franca do seu pranto. Heleno fazia teatro de si. Custou a adormecer à noite, apenas uma dormitação ligeira que lhe fez sonhar com aplausos e ovação – um naco de credo ainda porfiava. E, quando o sol já acalorava, ergueu-se de súbito como se apurado do sonho, sem nenhuma relutância do corpo, havia de acossar um figurino. O espetáculo não tardava. “Ó Alguém, o que fazer”, o débil garoto questionava, desamparava-se. Heleno era tão somente desassossego.

A casa desértica. Nela, naquela manhã, só Heleno desesperado, inquieto, obstinado a montar seu figurino, vagando de lado a outro a procura de... A

única provável fornecedora de adornos à Dona Fausta, naquela casa, só poderia ser a senhora mãe de Heleno – solitária mulher em meio à família –, todavia, o empréstimo de qualquer trivial objeto havia de ser velado da proprietária – a mãe desgostava, com ódio, Dona Fausta. Correu ao quarto dos pais, cômodo convidativo, aberto, no qual os armários eram recheados de feminidades da mãe. Vasculhou gavetas perras e armários rangentes, calhou nos vestidos diversos em cores e tecidos – figurino tão conveniente seria um vestido. Um vestido antiquado rubro, de seda, com uma linha cintilante prata perseguindo o decote – não vacilou em escolhê-lo. Quis carregá-lo o quanto antes, que fosse embolado nos braços – temia –, quis ainda o experimentar ali mesmo – precipitava-se. A forma para um conteúdo. A bainha do vestido um palmo abaixo do joelho ossudo do menino – comprimento e largura exatos na lisura. A seda grudou naquele corpo esbelto de modo a evidenciar uma precoce, mas natural lascívia. Heleno, então, abriu uma gaveta larga, e lá estavam diversos pares de sandálias, sapatos, tamancos, chinelas; catou uma sandália preta sem muita arbitrariedade, contanto que tivesse tacão bem alteado. As sandálias pretas exibiram-se justas nos pés finos e firmes do garoto, marcando a pele e ateando-lhe aparência terna, de fêmea. Heleno abrandava sua pressa – respirava não mais imerso. Em seguida, deparou-se de relance perpassando ante ao espelho da penteadeira, retornou a ele e contemplou-se: as nádegas bem sobrepujadas pelo vermelho e pelo charmoso tacão – curvatura bem contornada dos músculos, rígidos, um tanto mais estimados. Demorou-se um certo tempo transmudando as poses diante do espelho, de costas, de frente, de soslaio, alternando pernas; e, por fim, percebeu um busto liso, faltoso em tudo. Recorreu à penteadeira, apanhou o mais fulgurante dos vastos colares – alusivo a um rubim –, no pescoço árido era onde posaria a peça. Os braços longos e secos derramando-se na seda vermelha do vestido como orvalho sobre as folhas, ornavam elegância juntos às pulseiras douradas. Percorrendo adiante seu corpo com os olhos e com o

tato, Heleno avistou o rosto lívido, insosso, paralisou-se estarecido, pensou ter visto outra pessoa, quiçá uma legítima mulher – não prolongou desconfiança. Assaltou, sim, as tintas da mãe e não as poupou em seu rosto jovial, meneando-as: cílios tingidos de negro, lábios dardejantes – rubros. Fitou-se por penúltimas e últimas vezes no espelho escancarado da penteadeira – dos pés à cabeça –, escondeu com o cabelo curto as orelhas cruas sem brincos. E, como esmero, borrifou duas vezes, no pescoço e nos pulsos, o adocicado perfume de fêmea que encontrou por lá – por fim, saiu do quarto caminhado compassado, ás sobre o salto, rindo: Heleno rindo como Hiena.

Luiz Gustavo Saldanha, 22 anos, nascido e residente em Brasília. Graduando em psicologia pela Universidade de Brasília.
Email: luizgustavosal@gmail.com